LEITURAS



ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

II CLASSE

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
FARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

Ilustrações de
Eduardo Romero

61.ª EDIÇÃO

Adoptado oficialmente para o ano lectivo de 1942-43

A ESCOLA PRIMÁRIA

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA — [illegible]A

Chamo-me ....

Moro ....

Tenho .... *anos.*

Peso ....

Tenho de altura ....

Quem achar êste livrinho
fará favor de o guardar
e mandar-me um bilhetinho,
para eu o ir buscar.

LEITURAS

II CLASSE

Aprovado oficialmente.

ALGUMAS OPINIÕES SÔBRE ÊSTE LIVRO

AD FERRIÈRE — *directeur adjoint du Bureau International d'Éducation de Genève.*

Ce qui me plait dans les Lectures destinées à la IIe Classe de l'Enseignement primaire élémentaire, c'est l'évidente sincérité des auteurs. Leur intelligente compréhension des jeunes enfants leur a permis d'être simples sans être puérils et de traiter précisément les sujets qui sont aptes à intéresser les familles et a l'école rapportent des faits que l'enfant peut observer quotidiennement. Ils font pénétrer dans la classe la vie du dehors et incitent l'élève à sortir de la classe pour observer ce qui se passe au dehors. Ainsi un pont est tendu entre l'école et la vie, ou, pour mieux dire, le contact entre la vie et l'école est maintenu vivant. La fraicheur des images, leur simplicité, leur clarté contribuent beaucoup à donner à ce livre le charme qui lui est particulier.

(25 Novembre 1930).

A. HERLIN — *inspector de todos os estabelecimentos de anormais da Bélgica:*

..Je le trouve magnifique; comme papier, impression, figure, couleurs, c'est ce que j'ai vu de miex. Le Portugal dépasse l'Allemagne à ce sujet.

CORONEL FREDERICO SIMAS — *antigo ministro da Instrução, antigo director da Escola Normal de Lisboa e actual director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho:*

É o primeiro livro de leitura para as primeiras classes que me agrada debaixo de todos os pontos de vista. Não podia, em meu entender, ser melhor orientado. É escrito para crianças sem a preocupação de que o podem ler os adultos. As crianças entendem-no e apreciam-no, como tenho observado.

DR. JÚLIO DANTAS — *antigo ministro da Instrução Pública, académico e homem de letras:*

Encantou-me folhear êste livrinho adorável, que as crianças portuguesas devem ter-lhe agradecido, e em cuja organização, feita com verdadeira ternura, tão intimamente se associaram o pedagogo e o artista..

DR. JOÃO ANTUNES — *inspector-chefe da Região Escolar de Setúbal:*

..V. entraram de vez no ritmo ordenado e graduado da nobre e bela Arte de Ensinar, despertando, pelo interêsse, as virtualidades de apreensão e de fixação da criança. Até e também pelo cuidada beleza material do livro, V. fizeram coisa como não conheço melhor no estranjeiro.

ANTÓNIO FIGUEIRINHAS — *director da «Educação Nacional» e do «Português Popular»:*

.Está lindo. É o melhor que ai se encontra.

ARLINDO VARELA — *professor primario e publicista:*

..O livrinho foi elaborado com a plena intuição da psicologia infantil; e, pela acertada escolha dos assuntos, pela simplicidade e leveza da expressão, pela riqueza e primor das ilustrações e ainda pelo esmêro da execução tipográfica constitue um verdadeiro mimo didáctico, digno de figurar ao lado dos melhores trabalhos similares que nos oferece a opulentíssima bibliografia escolar estranjeira.

«DIÁRIO DE LISBOA»:

.O livro de leitura que acabam de publicar constitue um legítimo e merecido triunfo. Tanto sob o ponto de vista pedagógico, como sob o ponto de vista artístico e literário, realizaram os autores tarefa que para o nosso país pode reputar-se perfeita. Só há por isso que louvá-los e encorajá-los...

«ESCOLA AÇOREANA»:

...Tem êste livro tôdas as condições a que deve obedecer um livro moderno no género em questão. Agrada logo a criança pela estética...

Todo o texto é composição dos autores, o que imprime ao livro uma invulgar originalidade em livros escolares.

É escrito numa linguagem simples, graciosa e atraente... Todo aquele que uma vez ler êste delicioso livro não deixará, por certo, de o adoptar na sua escola.

«EDUCAÇÃO NACIONAL»:

...Que havemos de dizer dêle? Que é o melhor livro para a 2.ª classe que até hoje tem sido publicado.

«NOVIDADES»:

...Aqui está um livro que é um amor O texto, em prosa e em verso, e as ilustrações demonstram compreensão da psicologia infantil e encantamento carinhoso diante dela.

«REVISTA ESCOLAR» — *artigo assinado por MANUEL ANTUNES AMOR, inspector escolar na Índia Portuguesa:*

...Prosa vaporosa, verso fácil, gravuras magníficas, a preto e a côres, que parecem inspiradas nos desenhos dos artistas alemães destinados às crianças, êsses desenhos em silhuetas ou de traço vigoroso, com figuras simplificadas, de movimentos expressivos, adequados a psicologia infantil, que a criança compreende num relance... o volume em questão não deixará de agradar aos professores mais exigentes, às escolas ávidas de arte e progresso.

ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

II CLASSE

LEITURAS

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
FARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

APROVADO OFICIALMENTE



1943

Livraria Sá da Costa — Editora

Sede R. Garrett 100 102
Sucursal Pôço Novo 24
LISBOA

Todos os exemplares devem ser autenticados com as rubricas dos autores e editores.

1942
Bertrand (Irmãos), L.da
Gravadores - Impressores
T. da Condessa do Rio, 27
L I S B O A

Prólogo da 1.ª edição

AOS EDUCADORES

Êste livro foi escrito com o coração.

Os autores tentaram organizá-lo, não apenas de acôrdo com as modernas teorias pedagógicas, mas ainda em harmonia com as indicações que a sua longa prática de ensino lhes forneceu.

Quando elaboraram o plano dêste livro, tiveram essencialmente em vista estes dois fins:

— dar à criança um livro que, atraindo-a pela sua estética, lhe agradasse, quanto possível, pelo texto, e que em grande parte reflectisse o meio em que habitualmente vive;

— dotar a escola portuguesa com um livro moderno, organizado em harmonia com teorias recentes sôbre educação infantil, e no qual o professor, sem abdicar do seu critério, é claro, possa encontrar elementos que o guiem na formação do carácter e no desenvolvimento da inteligência daqueles cuja educação lhe está confiada.

Nesta ordem de idéias escolheram como primeiros centros de interêsse a família e a escola, meios que a criança melhor conhece e com os quais está em mais íntimo contacto.

Sem perder de vista a psicologia infantil, os autores esforçaram-se por empregar, nos limites do possível, uma linguagem acessível à criança.

Dispersos pelo livro aparecem, sob variadas formas, testes diversos de índole diferente.

A utilidade dêsses testes é incontestável no desenvolvimento do raciocínio, da memória, do juízo e das faculdades de observação.

As histórias mudas, ao mesmo tempo que se prestam à interpretação de gravuras, que tão vantajosa é, como se sabe, favorecem de modo agradável o desenvolvimento da linguagem falada.

O vocabulário final terá, além de outras, a vantagem de ir iniciando a criança na consulta do dicionário.

A parte gráfica mereceu aos autores, como tudo o mais, o maior cuidado e atenção, dada a sua importância em trabalhos desta natureza.

Da honestidade de quem elaborou êste livro, do es-

fôrço que empregou para produzir trabalho útil, e dos seus bons desejos de acertar é prova evidente o seguinte facto:

— exceptuando uma pequena poesia, todo o texto é original dos autores *e quási todo se conservava inédito, porque quási todo foi escrito para êste livro.*

Quanto à parte gráfica, devemos dizer que tôdas as gravuras são originais, *e que para êste livro foram expressamente feitas pelo artista ilustre que é Eduardo Romero, ao qual aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento pela sua valiosa cooperação artística.*

Assim, os autores, em vez de recorreram ao processo cómodo e fácil de aproveitar trabalho já realizado por outros, preferiram recorrer ao trabalho próprio, combinando os seus esforços no intuito de bem servir a causa da instrução e de concorrer patriòticamente para o aperfeiçoamento do ensino em Portugal.

O presente livro pode não ser um trabalho perfeito: mas é, sem contestação possível, um livro bem intencionado e honesto.

Lisboa, Novembro de 1929.

Da 21.ª edição

O presente livro é uma remodelação completa daquele que, em regime livre, saiu pela 1.ª vez em 1929 e que, no ano seguinte, foi aprovado oficialmente.

Com a preocupação de melhorá-lo quanto possível, os autores, sem alterar o plano primitivo da obra e atendendo às indicações que a experiência aconselhou, suprimiram alguns trechos, modificaram outros e ainda substituíram alguns por outros, expressamente escritos para êsse fim e que lhes parecem mais harmónicos com a índole do livro.

A linguagem foi ligeiramente alterada num ou noutro ponto, sempre no intuito de aperfeiçoar a obra — preocupação dominante no espírito dos autores.

A parte artística foi grandemente melhorada. É fácil verificar, por comparação, que numerosas gravuras — quási tôdas — foram substituídas, com grande vantagem para o ensino.

Com estas modificações entendem os autores que o livro melhorou consideràvelmente, como é seu desejo.

Para o conseguir não se pouparam a esforços, diligência e boa vontade. Por compensados se darão, se êste livro vier a merecer o aprêço e até o carinho que ao anterior foi dispensado por uma grande parte do professorado oficial e particular.

Lisboa, Setembro de 1935. *OS AUTORES.*

Para a escola



Para a Escola, alegremente,
a cumprir o meu dever,
vim ligeiro, diligente,
desejoso de aprender.

Fiquei sabendo bastante
na classe que freqüentei;
mas, por todo o ano adiante,
muito mais aprenderei.

Para isso vou prestar
ao professor atenção:
farei o que êle indicar
para a minha educação.

Não faltarei nenhum dia,
salvo se estiver doente,
e virei, com alegria,
para a Escola diligente.

Vou para a escola



GOSTO muito de ir à escola. Nos dias de aula levanto-me cedo. Lavo-me e arranjo-me. Penteio-me muito bem. Beijo os meus paizinhos e dou-lhes os bons-dias.

Como alguma coisa que minha mãe me arranja. Meto os livros na mala, digo «adeus» aos meus pais e saio de casa.



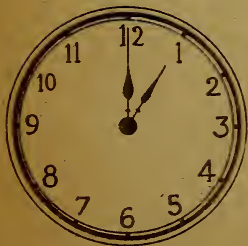
A minha mãe diz-me que vá muito sossegado na rua. Diz-me também que não me distraia, que tome cautela, quando atravesso as ruas, por causa dos carros. Diz-me, ainda, que não me demore a ver as montras ou a olhar para

quem passa, para não chegar tarde à escola. Chego sempre a horas e às vezes até chego cedo.

* * *

Entro na escola. Penduro o boné e visto o bibe. Vou logo para a minha classe. Cumprimento o meu professor. Depois da revista de asseio vou para o meu lugar. Sento-me e tiro os livros da mala.

Nestes dois relógios
que por baixo estão,
diga já depressa
quantas horas são





Chego à escola



U chego sempre a horas;
penduro o meu boné,
depois vou para a classe
que tão bonita é.

E cumprimento então
o nosso professor,
que a todos nós estima
e trata com amor.

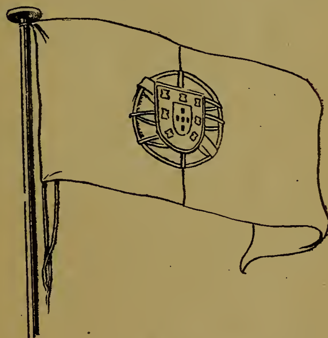
Cantamos à *Bandeira*,
em côro, * a *Portuguesa*,
e vamos à revista
de asseio e de limpeza.

Eu lavo sempre as mãos
e a cara, bem lavadas,
os braços e o pescoço,
com grandes espumadas.

Depois lavo a cabeça,
penteio o meu cabelo,
escovo o fato e fico
limpinho e fresco e belo.

Por isso na revista
que passa sempre *à gente*,
o meu professor fica
comigo bem contente.

Depois cantamos sempre,
em côro, uma canção, *
e vamos trabalhar
alegremente então.



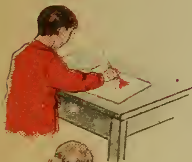
Para os meninos colorirem

Quantos dias de escola há numa semana?

* O significado das palavras que levam êste sinal, encontra-se no *vocabulário* que vem no fim do livro.

Dou lição







Estou sempre com atenção, para ouvir as explicações do meu professor. Não brinco na aula. Escrevo, leio, desenho, faço contas e trabalhos mamuais com papel de côr, *cartolina**, etc.



Também me entretenho com uns jogos que o meu professor arranja, para nos custarem menos as lições.



Não deito papéis para o chão. Só os deito no cêsto. Não cuspo no chão. O meu lugar está sempre asseado.



NO RECREIO



Acabou-se a lição. Guardo os livros. Vou para o recreio. O meu professor também vai. Brinco, salto, corro, mas não grito nem bato nos meus companheiros nem os deito ao chão.

Dou-me bem com todos, e êles dão-se bem comigo.

O nosso professor ensina-nos jogos bonitos. Os meninos travessos metem-se connosco e não nos deixam brincar à nossa vontade. O nosso professor não gosta disso. Chama-os, ralha com êles e dá-lhes bons conselhos.

* * *

Devemos ser sempre amigos uns dos outros.

Eu tinha dez rebuçados
mas comi três e mais dois:
—Dize-me lá, se és capaz,
com quantos fiquei depois.

O MEU ARCO

O meu arco roda,
roda sem parar;
corre tanto, tanto
que custa a apanhar.

O meu arco roda,
roda para a frente,
e eu vou atrás dêle
a correr contente.



E vai tão depressa
em volta da praça
que, a vê-lo correr,
todos lhe acham graça.

Meu arco é redondo,
muito redondinho;
tão redondo como...
como um anelzinho.

O meu arco roda,
roda sem parar;
corre tanto, tanto
que custa a apanhar.

Os meus companheiros

Na minha classe há muitos alunos. Somos todos muito amigos. Estudamos muito e ajudamo-nos uns aos outros.

O nosso professor deixa-nos formar grupos para prepararmos os trabalhos ao mesmo tempo, mas não copiamos uns pelos outros. Assim fazemos os nossos trabalhos juntos.

* * *

Nunca nos aborrecemos. Desenhamos bastante nas nossas lições escritas.

Com os bonecos que fazemos, melhor nos lembra o que nos ensina o nosso professor. Além disso, o nosso caderno fica mais bonito, mais alegre e até dá mais vontade de o guardar. Assim recordamos melhor os trabalhos da escola.



As boas relações entre os alunos

Na minha escola todos os alunos são amigos. Alguns vão a minha casa, umas vezes, para brincar comigo, nos dias em que não há escola; outras vezes, para estudarmos as lições.

Eu também visito os meus companheiros.

Tudo isto é bom para as nossas famílias se conhecerem e se tornarem muito amigas.

Ser amigo e ter amigos
—diz às vezes minha mãe—
é obrigação de todos
os que querem viver bem.

Devemos sempre ajudar-nos uns aos outros.

O MEU LIVRO

Eu já sei ler. O meu livro é muito bonito. Tem desenhos muito bem feitos.

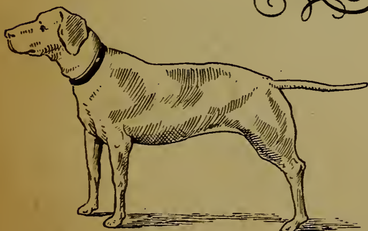


Vou aprender muito com êste livrinho. Terei muito cuidado com êle: não o hei-de sujar nem rasgar. Também não hei-de virar as fôlhas, molhando o dedo, nem lhes hei-de dobrar os cantos.

Nunca o abrirei demais, para não dar cabo dêle. Para marcar a lição, pedirei à mãezinha que me dê um boneco.

Para não estragar o meu livro, vou forrá-lo com papel de côr.





Acha êste cão bem feito?



A minha boneca

A minha boneca
tudo quer' saber;
eu vou ensiná-la
a ler e escrever.

A minha boneca
é mesmo um primor: *
tem cabelos louros,
rosto encantador.

A minha boneca
tem um não sei quê...
às vezes parece
que entende e que vê.

A minha boneca
se eu a vou vestir,
para mim olhando,
parece sorrir.

A minha boneca
tudo quer' saber,
eu hei-de ensiná-la
também a coser.

A minha boneca
tem um certo olhar...
às vezes parece
que me quer' falar.

A minha boneca
às vezes é má...
mas outra boneca
tão linda não há.

OS MEUS CADERNOS

Tenho alguns cadernos para escrever as minhas lições.

Ponho sempre uma capa nos cadernos para não os estragar. Nesta capa faço uma cercadura com lápis de côr, para ficar mais bonita. Às vezes também faço um desenho no meio e depois escrevo o meu nome.

Tenho muito cuidado em não dobrar as pontas dos cadernos. Para isso tenho uma pasta, onde os meto, quando os guardo na mala. Nunca molho o dedo para passar as fôlhas Também tenho cuidado em não deixar cair borrões nos meus cadernos. Por isso estão sempre muito limpinhos.



¿Quais são as vogais que há na palavra caderno?
¿Quais são as consoantes da palavra escreve?

RAÚL

O Raúl é bom rapaz,
mas bastante desleixado:
em tudo aquilo que faz
mostra falta de cuidado.

Dos seus cadernos as capas
têm pedaços rasgados,
os seus livros, os seus mapas
andam sempre enxovalhados.



O seu cadèrno de contas,
o de desenho, o de escrita
têm dobradas as pontas,
com aparência esquisita.

São imperfeitos de mais,
com um ou outro borrão,
os trabalhos manuais,
o desenho, a redacção.

O professor, que é bondoso
belos conselhos lhe dá,
e espera que o descuidoso
em breve se emendará.

A ardósia

Não tenho ardósia, mas alguns dos meus companheiros têm.

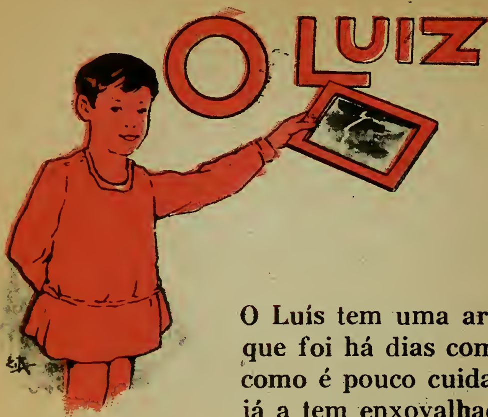
Na ardósia escreve-se com uma pena de pedra.

A ardósia nunca se deve limpar com saliva *, como já vi fazer a uns meninos. Isto não é asseado. Deve limpar-se com uma esponja ou um pano molhado. Quando eu tinha ardósia, assim é que fazia.



Agora o meu professor só quere que eu tenha papel e lápis para fazer os meus exercícios. Isto é muito mais limpo.

Tenho uma dúzia de aparos
e tu tens uma dezena;
—dize-me lá qual de nós
tem a porção mais pequena.



O Luís tem uma ardósia
que foi há dias comprada:
como é pouco cuidadoso,
já a tem enxovalhada.

Ensinou-lhe o professor
como devia limpá-la,
como a havia de trazer
acautelada na mala.

Mas o Luís, que é travêsso,
os conselhos desprezou
e, por falta de cuidado,
a sua ardósia estragou.

A pedra que era tão negra,
é de côr acinzentada;
como a deixou já cair,
está, em parte, quebrada.

O caixilho de madeira,
que era claro e asseado,
não parece o mesmo agora,
sujo, com riscos, manchado.



Se o professor não repara,
em vez de a esponja empregar,
com saliva é que o Luís
costuma a pedra limpar.
—coisa feia que êle sabe
—nunca dever praticar...

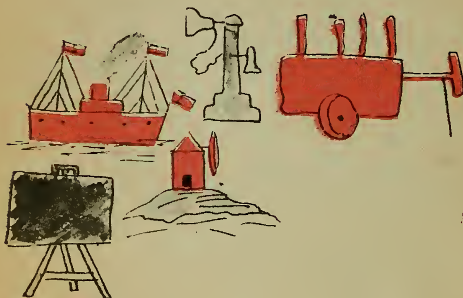
¡Que pena aquêle Luís,
que não tem mau coração,
ser assim tão descuidado,
tão falto de educação!

Que horas são?





Os meus desenhos





O meu professor, quando eu andava na primeira classe, queria que desenhasse muito. Eu dizia-lhe que não tinha jeito nem habilidade, mas fazia sempre os trabalhos que êle mandava.

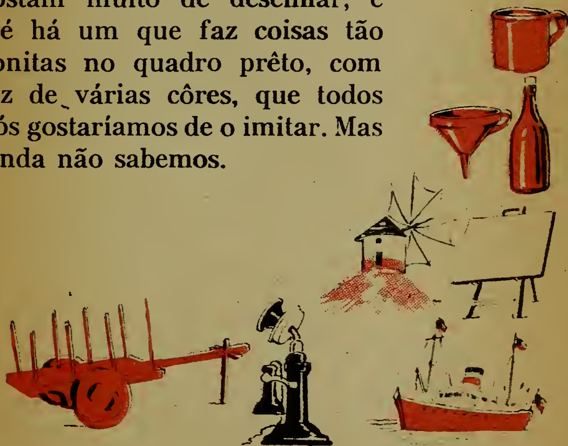
Levava muito tempo a fazer qualquer desenho e tudo ficava muito mal feitinho; mas o meu professor, com tôda a paciência, emendava e dizia-me como é que eu devia observar as coisas que queria desenhar. E tanto fui gostando do desenho que hoje sei já fazer bonecos. Os meus companheiros dizem que são muito bonitos. Agora já posso ilustrar melhor os meus cadernos de traba-

lhos escolares. Até parece que aprendo mais fàcilmente as lições desde que vou desenhando melhor.

Quando comparo os meus primeiros desenhos com os de agora, vejo que o meu professor tinha, como sempre, muita razão.

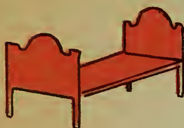
Já sei observar com mais atenção as coisas, e assim também as compreendo melhor.

Tenho reparado que os meus companheiros gostam muito de desenhar, e até há um que faz coisas tão bonitas no quadro prêto, com giz de várias côres, que todos nós gostaríamos de o imitar. Mas ainda não sabemos.



Com o lume na cozinha
coze peixe a cozinheira;
mas com a agulha e com linha
cose roupa a costureira.

O trabalho manual









Gostamos muito dos exercícios de trabalhos manuais e todos queremos mostrar as nossas habilidades. Quando são trabalhos de lição preparada, fazemos todos a mesma coisa e cada um de nós se apura muito, para ver se é o melhor.

Fazemos bonitas dobragens, como o *chapéu,* o *bote,* a *cama,* a *pomba,* o *moinho,* a *mesa,* etc. Recortamos *flores, frutos, fôlhas* ou *animais* no papel de côr, que depois colamos em tiras largas, também de papel, para fazer *frisos.* Com êles enfeitamos as paredes da aula e, às vezes, servem para o nosso professor nos dar lição. Também fazemos pequenos objectos de madeira, *brinquedos, cai-*







xas de cartão e muitas outras coisas.



Ficamos muito contentes, quando o nosso professor nos dá *plasticina* * ou mesmo barro para fazermos bonecos à nossa vontade. Dantes também fazíamos tudo isto, mas muito mal feitinho.



* * *

As meninas fazem todos estes trabalhos e ainda outros: aprendem a *coser*, a fazer *ponto* de *cruz*, a *bordar*, a *cortar* a roupinha para as bonecas, a fazer *malha*, a fazer meia e *rendinhas*, etc.



* * *

Todos nós trabalhamos com cuidado. Gostamos muito de ver os nossos trabalhos expostos ou em volta da aula ou mesmo no armário com portas de vidro.







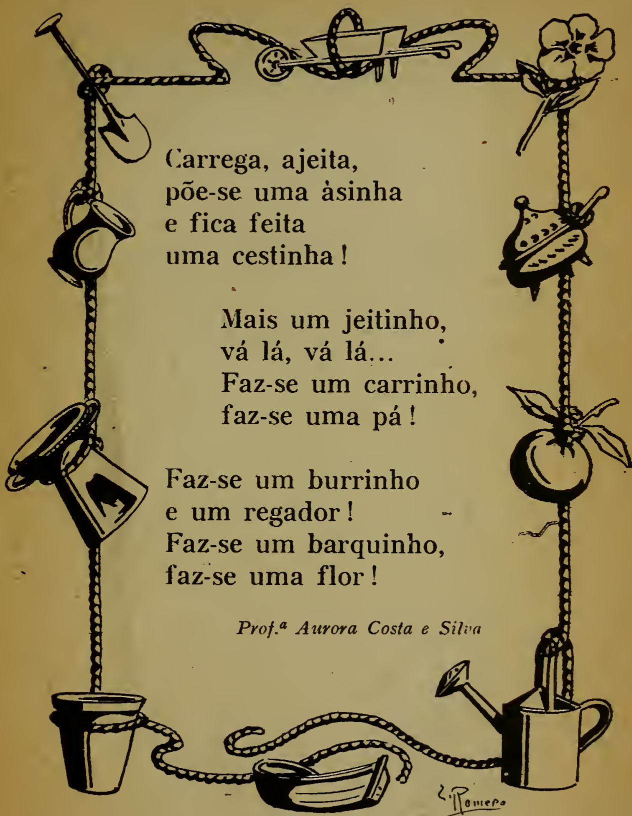
Modelando

Em pé! Em pé!
É preparar!
Ai, que bom é
ir modélar...

fazer com barro
lindas casinhas,
um copo, um jarro
e tejelinhas!

Co'a mão espalmada,
enrola, enrola;
não custa nada!
faz-se uma bola!

E. Romero



Carrega, ajeita,
põe-se uma àsinha
e fica feita
uma cestinha!

Mais um jeitinho,
vá lá, vá lá...
Faz-se um carrinho,
faz-se uma pá!

Faz-se um burrinho
e um regador!
Faz-se um barquinho,
faz-se uma flor!

Prof.ª Aurora Costa e Silva

Os meus jogos

Quando saímos da aula, nos intervalos, vamos logo brincar para o pátio. Não brincamos todo ao mesmo jôgo, porque somos muitos; e, como isso não pode ser, formamos pequenos grupos.

Uns meninos jogam ao *belindre,* à *cova* ou ao *abafador;* outros jogam ao *eixo simples,* ao *eixo*





corrido ou ao *eixo em pé.*

As meninas gostam mais de brincar à *cabra-cega,* aos *quatro cantinhos,* às *cinco pedrinhas* e também *saltam* à *corda* e *dançam* à *roda,* a cantar e a bater palmas. Há meninos que só querem divertir-se ao jôgo do *aeroplano,* ao jôgo do *homem* ou ao jôgo da *barra.*

Outros estão sempre a jogar à *bilharda,* ao *diábolo* ou ao *pião.* Alguns meninos rodam tão bem o *pião* que êle até parece que fica a *dormir.*



Os mais pequeninos brincam às *escondidas*, ao *trapo queimado* e, às vezes, estão sentadinhos a jogar o *lôto das côres* ou o *dominó das flores* ou dos *frutos*. Entretêm-se muito com estes brinquedos. Também gostam de brincar com o *arco*. As meninas jogam muito às *graças:* isto joga-se atirando uns arquinhos ao ar.

Os alunos mais adiantados já se entretêm com o jôgo da *bola*, mas não devem jogar durante muitas horas no dia, como muitos meninos fazem, porque isso estraga a saúde.

O nosso professor só deixa jogar a bola aos alunos mais fortes e só pouco tempo em cada dia.

Depois do jôgo da bola, os alunos ficam muito cansados, e o nosso professor não os deixa beber





água, logo a seguir, porque lhes faria muito mal.

Êle também nos diz que não se deve jogar muito a bola, porque com êste jôgo se rompe o calçado, e os nossos pais não podem estar sempre a mandar consertar os sapatos. Alguns meninos até ficam, depois de acabarem as aulas, a jogar na rua. Isto não é bonito, porque incomodam as pessoas que passam, e podem sujar-lhes o fato.

* * *

Correr e saltar, meu pai
diz que é um bom exercício;
mas estudar as lições
é preparar bom ofício.



O meu piãozito

Eu tenho um pião
que apanho na mão,
quando ando a jogar.
É muito engraçado
e nunca me enfado
de o ver a dançar.

Quando com o Zeca,
o Quim e o Maneca
vou ao desafio,
então é que é ver
o pião correr
minutos a fio...

¡ É muito bonito
o meu piãozito!
Como êle não há!...
Quer's vê-lo catita?
Enrola-se a guita
e... zzt... lá está.

¡ É muito bonito
o meu piãozito!
Como êle não há!...
Quer's vê-lo catita?
Enrola-se a guita
e... zzt... lá está.

Nem sei o que tem
o pião também
que até nos faz rir.
Ao vê-lo a rodar,
correr e girar...
parece dormir.

¡É muito bonito
o meu piãozito!
Como êle não há!...
Quer's vê-lo catita?
Enrola-se a guita
e... zzt... lá está.

¡É muito bonito
o meu piãozito!
Como êle não há!...
Quer's vê-lo catita?
Enrola-se a guita
e... zzt... lá está.

Lá fora da escola,
uns jogam a bola,
eu jogo o pião.
E é de pasmar:
atiro-o ao ar
e cai-me na mão!



Onde comprou o seu pião?

Quanto custou?

¿Se tivesse comprado três piões, quanto teria pago?

SAIO DA ESCOLA

Acabaram as aulas. Guardo os livros e os cadernos na mala. Vou buscar o meu boné e dispo o bibe. Despeço-me do meu professor. Vou contente para casa, porque dei boas lições.



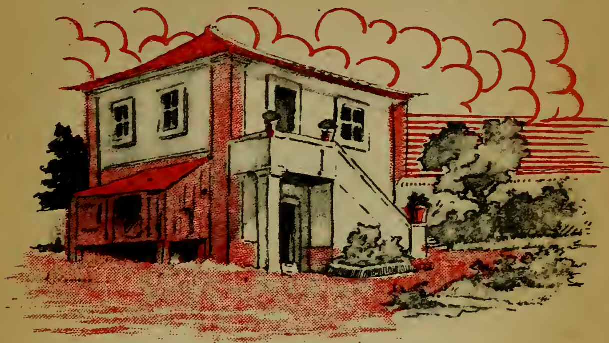
Não me demoro na rua a brincar, a conversar ou a ver as montras*, porque a minha mãezinha está à minha espera e ficaria em cuidado, se, à hora do costume, eu não aparecesse em casa.

Quando chego, a mãezinha beija-me muito e eu fico muito contente, se lhe posso dizer que dei boas lições na escola.

Ela fica também muito satisfeita.

Para que servem as janelas?
Para que servem as portas?

A MINHA CASA



A minha casa tem poucas divisões: a cozinha, a casa de jantar, dois quartos e uma salinha; é pena que não tenha uma casa de banho.

Na cozinha temos um fogareiro de petróleo e outro para carvão de sôbro *. Mas na terra da avòzinha já vi fazer o lume na lareira.

Em cima da mesa da cozinha é que a minha mãe arranja a hortaliça, os feijões, a carne, o peixe, as batatas e tôdas as coisas que são precisas.

A mãezinha sabe muito bem temperar a comida. Tem muito cuidado e nunca a deixa queimar.

A louça da cozinha está sempre muito limpa.

A mãezinha é que põe a mesa. Primeiro põe a toalha e um talher * para cada pessoa. Tira os pratos do aparador *, e as chávenas e os copos do

guarda-louça. Na mesa põe também a garrafa com vinho para o paizinho beber.



Comemos três vezes no dia: o almôço, o jantar e a ceia.

A minha casinha é muito modesta*, mas, felizmente, há nela quási sempre alegria.

Somos três irmãos: dois rapazes e uma menina; o José, a Fernanda e eu. A minha irmã é a mais velha de todos nós e tem 10 anos; depois sou eu com 8, e o mais novo é o Zèzinho que só tem dois anos e meio. Os meus pais são muito amigos e gostam muito de nós.



Diga o que vê nestas duas gravuras.

O MEU PAI



O meu paizinho sai todos os dias muito cedo para a oficina,* porque é o encarregado de uma grande serralharia*, onde há muitos operários.

Quando tôdas as máquinas trabalham, fazem muito barulho e tôda a cautela é pouca com as correias que ligam as rodas.

O meu pai às vezes volta a casa quási à noitinha.

Trabalha bastante, vem sempre muito cansado. Logo que chega a casa, onde o esperamos ansiosos*, fica muito alegre. Beija a mãezinha, pregunta-nos, a mim e à Fernanda, pelos trabalhos que fizemos na escola e beija-nos muito. Depois pega no Josèzito ao colo e brinca mais êle.

¿Para que é que se põem vidros nas janelas?

A minha mãe



mãezinha não descansa em todo o dia. Levanta-se de manhãzinha para começar a tratar do serviço da casa.

Ela trata de tudo: faz a comida, faz os nossos fatos, lava a roupa e engoma-a.



Tem sempre a casa muito arrumada e muito limpa, tem jarras com flores de papel feitas por ela, e tem almofadas e tapêtes bonitos que sabe fazer como os de Arraiolos *.

A mãezinha quási nunca está parada.

Eu e os meus irmãos gostamos muito da mãezinha.



Os meus irmãos

A minha irmã, depois de sair da escola, ajuda a mãezinha. Ela é que cuida todos os dias do aquário * de vidro, onde temos quatro peixinhos encarnados. Trata do canário que canta muito bem, numa gaiola feita pelo meu pai, e toma conta do Josèzito, enquanto a mãezinha trabalha. Depois eu e ela, ao pé da mãe, preparamos os trabalhos para levar no dia seguinte para a escola.

Às vezes também nos entretemos com os brinquedos que o paizinho nos compra.

O Zèzinho corre tudo. Gosta de mexer em tôdas as coisas. Por isso é preciso muita cautela com êle. Está sempre a rir e a tagarelar, e só chora quando não lhe fazemos as vontades.

Todos gostamos muito dêle.



¿ Quais são as consoantes da palavra brinquedos ?

Os meus pais



GOSTO muito do meu pai
e gosto da minha mãe;
e a qual dêles queira mais,
nem o posso dizer bem.

Às vezes estou doente,
e então o meu pai, coitado,
nem sabe como esconder
de mim todo o seu cuidado*.

E a minha mãe, coitadinha,
—como lhe leio no olhar!
junto a mim, parece alegre,
mas não deixa de chorar.

Agora sou pequenino,
mas quantas vezes eu penso:
¿que fazer, quando fôr grande,
que pague êsse amor imenso?

E fico então a pensar,
sem dizer nada a ninguém,
se haverá amor que iguale
o amor de pai e de mãe.

E ouço, então uma vòzinha
dizer-me do coração:
—Ama sempre os teus paizinhos,
ama-os sempre até mais não.—

Gosto muito do meu pai
e gosto da minha mãe;
e a qual dêles queira mais,
nem o posso dizer bem.



Devemos sempre querer muito a nossos pais.



VOU-ME DEITAR

Quando me vou deitar, a minha mãe dá-me um copinho de leite.

Despeço-me dos meus pais, beijo-os e dou-lhes as boas-noites.

Vou para o meu quarto. A minha mãe acende a luz e abre a cama. Dispo-me. Dobro o fato e ponho-o com cuidado na barra da cama ou em cima de uma cadeira.

O meu fato novo está no guarda-fato.

Meto-me na cama. Apago a luz. Deito-me e adormeço.

Se fôsse o José a ir-se deitar, ¿como é que devia ler as frases desta página?

E se fôssem o António e o Rui, como é que as leria?



LEVANTO-ME

Logo de manhã cedo, a mãezinha abre a porta do meu quarto, acorda-me e eu dou-lhe muitos beijos.

São horas de me levantar para ir para a escola.

Deito a roupa da cama para baixo. Começo a vestir-me. Vou-me lavar. Lavo bem as mãos, a cara, a cabeça, o pescoço, os ouvidos. Limpo-me muito bem e penteio-me. Em seguida, acabo de me vestir e, depois de beijar o meu pai e de lhe dar os bons-dias, vou almoçar.

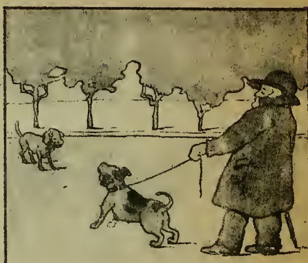
Acabo de almoçar e vou lavar as mãos e os dentes. Lavo sempre a bôca depois de comer.

Se fôsse o Gil que se levantasse, ¿como é que devia ler as frases desta página?

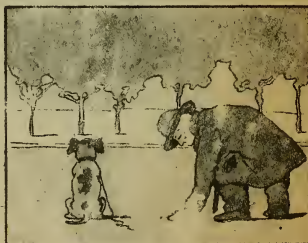
E se fôssem o Manuel e o Augusto, como é que as leria?

Conte esta história

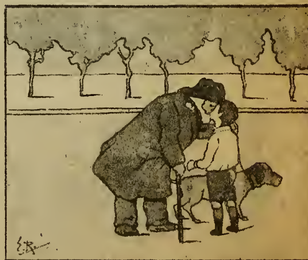












A minha terra

A minha Terra é uma linda aldeia.

Tem ruas estreitas e uma praça, onde se faz o mercado.

As suas casas são caiadas e quási tôdas muito baixinhas. Poucas têm um ou dois andares.

Os edifícios maiores são a igreja, com a sua tôrre, que se vê de muito longe e a escola, que é uma casa nova e serve, de um lado, para os rapazes, e do outro, para as meninas.

Em volta da minha aldeia há muitas hortas e pomares, onde se ouvem sempre os passarinhos.

Gosto muito da minha Terra.

Não mintas nem a brincar,
pois quem te ache em falsidade,
não te torna a acreditar,
'inda que fales verdade.

Os pequenos ninhos

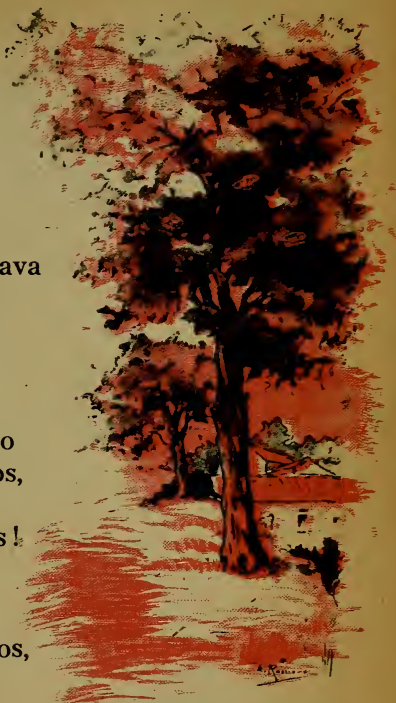


I no meu quintal,
muito bem feitinhos,
entre os ramos verdes
dois pequenos ninhos.

Já não tinham ovos;
mesmo os passarinhos
tinham já voado
dos pequenos ninhos.

Dentro, fios e penas,
pêlos delgadinhos;
fora, musgo e palhas,
nos pequenos ninhos.

Com penugem fina,
brandos e fofinhos,
¡que bem feitos eram
os pequenos ninhos!



Quando a aragem * dava
breve nos raminhos,
logo baloiçavam
os pequenos ninhos.

Baloiçando ao vento
como dois bercinhos,
¡ que bonitos eram
os pequenos ninhos !

Nunca façam mal,
nunca, aos passarinhos,
que tão lindos fazem
os pequenos ninhos.

Diga o nome de uma árvore conhecida, que às vezes esteja sem fôlhas.

O meu quintal

Por detrás da nossa casa temos um grande quintal, onde há árvores de fruto, uma árvore de sombra e uma horta.

O meu pai é que arranja o quintal.

Aos domingos passa lá quási todo o dia. No verão quando vem do trabalho, janta e vai logo regar.

Criam-se lá couves, feijões, nabos, cenouras, ervilhas, favas, rabanetes, pepinos, batatas, cebolas, alfaces, salsa, coentros e hortelã.



Para o vento não estragar tanto as plantas, o meu pai arranjou uns resguardos de milho painço*. O paizinho tem muito trabalho para o quintal estar bonito, mas



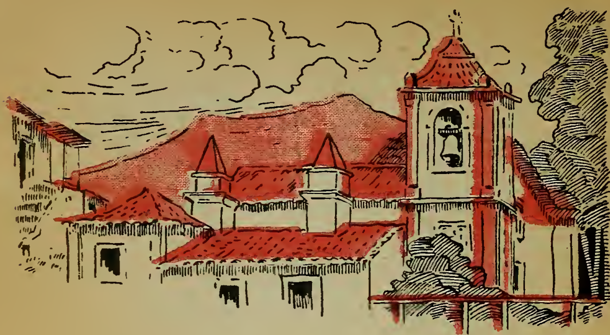
a mãezinha gosta muito, porque tem hortaliça fresquinha, que é melhor para fazer a comida.

No verão, quando está muito calor, vamos todos à noitinha para o quintal, depois de comer e sentamo-nos.

Conversamos e, às vezes, o paizinho conta histórias para nos fazer rir.

Isto que se vê aqui
é coisa para espantar.
¿Não terá havido engano,
a criança junto ao chão
e o gorducho a ir p'ra o ar?
Estará bem? Sim ou não?





O SINO DA ALDEIA

O sino da minha aldeia
¡ como eu gosto de o ouvir !
Quando a manhã vem rompendo
e o Sol começa a subir,
logo o sino,
pequenino,
acorda a gente
e faz, contente:
—Din, don,
din, don...

Baptiza-se uma criança.
¡ Que festas há lá na aldeia !
Ao passar, deitam amêndoas
e confeitos à mão cheia.



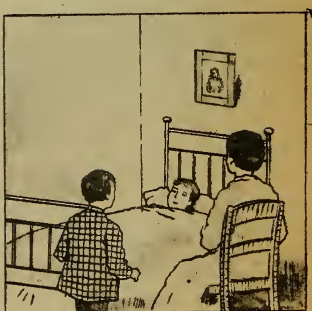
E o bom sino,
pequenino
lá chama a gente
e faz, contente:
—Din, don,
din, don...

E quando há um casamento,
ninguém pára nesse dia.
Vão os noivos cõ'os padrinhos,
e na aldeia há alegria.
E o bom sino,
pequenino,
convida a gente
e faz, contente:
—Din, don,
din, don...

O sino da minha aldeia,
¡como eu gosto de o ouvir!
Quando á tarde chega ao fim
e o Sol se vai a sumir,
logo o sino,
pequenino,
recorda à gente
a cama quente:
—Din, don,
din, don...

Conte esta história



Já viu abelhas?
São úteis ou prejudiciais?
Que nos dão as abelhas?
¿Sabe o que é um enxame?

O NATAL

¡Como é bela a noite de Natal!

Comemora-se nessa noite sacrossanta o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio ao mundo para prègar a Verdade e o Bem e ensinar uma doutrina nova que nós, os cristãos, temos a felicidade de professar.

Antes de anoitecer, já pequenos e grandes andam em alvorôço, desejosos de que chegue a noite para assistirem às manifestações festivas com que é costume celebrar o nascimento do Menino-Jesus.

Essas manifestações não são iguais por tôda a parte; mas em tôdas as terras de Portugal essa noite abençoada é de alegria, de concórdia, de bênçãos, de regozijo.

¡Como é bela a noite de Natal!

Eis ali um *Presépio* pequenino. ¡Que lindo é e que ingénua graça tem!

Numa pequena cabana, com teto de côlmo, está o Menino-Jesus deitado sôbre palhinhas. Ao lado dêle, ajoelhada e fitando-o com ternura, está a sua bendita Mãe.

Para o filhinho tão lindo
Numa expressão em que luz
O seu enlêvo de mãe,
A Senhora está sorrindo...
Na boquinha de Jesus
Paira um sorriso também...

Assim escreveu o grande poeta cristão Augusto Gil.

Junto de Maria Santíssima está S. José, de barba branca, a expressão de bondade. Alguns pastores ajoelhados, em adoração ao Filho de Deus, se vêem também. Vieram a convite do canto celestial, que dizia:

Pastores do verde prado,
acordai, p'ra vosso bem;
vinde ver Cristo, que é nado,
no Presépio de Belém.

Entrai, pastores, entrai
por êsse portal sagrado;
vinde ver o Deus-Menino
numas palhinhas deitado.

A vaquinha mansa e a mula malfazeja lá estão também representadas, assim como várias figurinhas que vieram de longe para adorar o Menino-Jesus e trazer-lhe suas oferendas.

Vários anjos de asas brancas se vêem suspensos, tendo um dêles nas mãos uma fita com palavras latinas que querem dizer:

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

O Presépio é um encanto para as crianças, que junto dêle ficam enlevadas por largo tempo e pedem explicações sôbre o que vêem.

— Que lindo é o Presépio!

Noutras terras a noite passa-se em volta da lareira, onde arde um grosso madeiro e onde se reúnem em agradável convívio pai, mãe, filhos, avós — tôda a família da casa que pôde juntar-se. Os avós explicam aos netinhos o motivo daquela reünião e contam-lhes o que sabem do nascimento do Menino-Jesus; e êles escutam-nos com enlêvo.

Cantam-se versos em honra da Sagrada Família.

Depois fazem-se filhós e assam-se castanhas.

Fala-se com saüdade dos queridos ausentes.

A amizade que une os membros da família parece que se torna mais estreita nesta noite abençoada.

Decorre alegre e vivo êsse serão,
que desperta saüdades e esperanças;
na mesma encantadora comunhão
sorriem os velhinhos e as crianças.

Nas ruas os rapazes, de archotes acesos, dão «vivas» ao Menino-Jesus, percorrendo a terra e animando-a com a sua alegria.

À meia-noite os sinos tocam. Vai seguir-se a Missa que celebra o nascimento de Jesus, muito concorrida sempre. É a *Missa-do-Galo.*

Depois é o Menino beijado por todos os fiéis.

Vem o prior de capa reluzente
dar a beijar com um fervor infindo,
no fim da Missa, ao povo ingénuo e crente
um Menino-Jesus corado e lindo.

E sai-se da Igreja a tiritar
porque é cortante o ar da madrugada;
mas eis a mesa posta; é só sentar:
começa então a alegre consoada.

¿Quem há que não recorde com saüdade
essas horas benditas de vigília
passadas na mais doce intimidade
que gera o doce afecto da família?

Mas é então, Senhor, é nessa altura
que me inspiram mais funda compaixão
os tristes pobrezinhos sem ventura
sem terem quem lhes dê agasalho e pão.

Felizes: não esqueçais os desditosos;
acudi à miséria, à orfandade;
ao menos uns instantes venturosos
concede-lhes, ó doce Caridade.

Que os meninos se não esqueçam de socorrer os pobrezinhos nessa noite sacrosanta e sempre bendita.

Se o fizerem, Jesus abençoá-los-á e os pobrezinhos, felizes, exclamarão também, com reconhecimento:

— ¡Como é bela a noite de Natal!



A minha avó

Se soubessem como eu gosto
da minha boa Avòzinha...
No mundo não há — aposto —
uma avó como esta minha.

Faz-me tôdas as vontades,
satisfaz os meus desejos,
perdoa as minhas maldades
e 'inda em cima me dá beijos.

E quando estive doente,
foi ela a minha enfermeira,
carinhosa e diligente,
junto à minha cabeceira.

E, se eu às vezes a via
muito triste, a meditar,
olhava p'ra mim, sorria...
p'ra eu a não ver chorar!

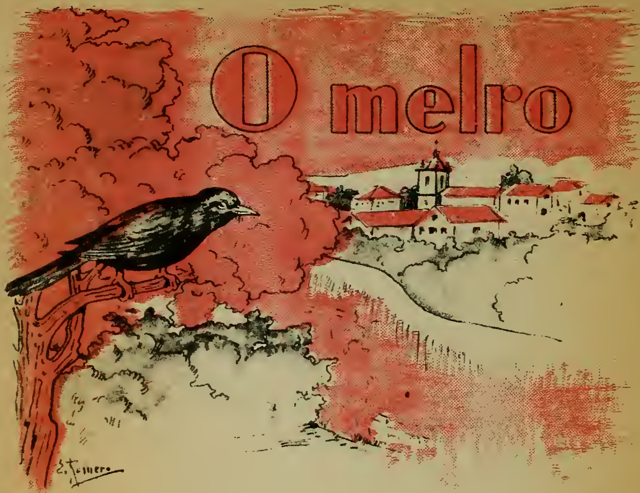
Com tantas rugas no rosto,
com a pele engelhadinha,
não calculam como eu gosto
da minha santa Avòzinha.

Que horas são?





Deve a esmola envergonhar
a quem pode trabalhar.



Tôdas as manhãs, ao levantar-me, oiço no meu quintal, há algumas semanas já, um melro muito alegre.

Tem uma bela voz, muito clara e muito forte. Mas a ave parece que se envergonha de aparecer; e quando aparece é em vôo rápido, sumindo-se logo nos loureiros ou entre os buxos do jardim.

Por isso poucas vezes o tenho visto.

Mas um dia avistei-o na vereda ladeada de arbustos, sem que êle me visse. Dava pequenos saltos e parecia andar à procura de alimento.

É um belo pássaro, de corpo bem feito e muito maior que o pardal.

Tem o bico amarelo e as penas tôdas negras.

Contei a meu tio o que tinha visto e êle disse-me que o melro é muito útil, porque destrói muitos bichinhos que fariam mal às sementeiras.

Não devemos, portanto, persegui-lo nem destruir-lhe o ninho; antes devemos protegê-lo por todos os modos que nos seja possível.

Destruír o ninho ao melro,
na verdade, é feia acção:
é pagar-lhe o bem que faz
co'a mais negra ingratidão.



A CHUVA

O pai de Luísa prometeu levá-la a casa da Avó, que morava numa terra distante da sua.

—Leve-me, sim, meu pai?—pedia ela.

—Levo: mas é preciso que não chova como agora. A chover é que não podemos ir.

Passaram muitos dias e a chuva continuava a cair impertinente.

Luísa impacientou-se e, por fim, disse:

—Maldita chuva! Não sei para que chove... ...Uma coisa que não faz falta nenhuma!...

¿É verdade o que a menina disse? Porquê?

As árvores do meu quintal



No meu quintalinho há quatro árvores de fruto: uma nespereira, uma figueira, uma laranjeira e um alpercheiro.

Quando estas árvores dão flor, fico muito contente, porque o meu paizinho diz que é das flores que vêm os frutos. ¡ E eu gosto tanto de fruta !

¡ Quando ela está madurinha, sabe tão bem !...

A nêspera tem caroços, mas é muito boa, quando está bem madura. Às vezes é azêda e eu não gosto.

Os figos são muito bons, mas devemos comer poucos, diz o paizinho, porque podem fazer mal.

A laranja é muito bonita e muito docinha, quando está madura.





As laranjas da nossa laranjeira não têm pevides: dizem que se chamam da Baía, que é uma terra do Brasil. Eu gosto muito de laranja. Descasco-a muito bem e depois como-a, tirando um gomo de cada vez.

Os alperches são muito doces, quando estão amarelinhos.

A minha mãe, às vezes, faz doce de alperche, para comermos nos dias em que fazemos anos.

Eu, às vezes, faço do caroço do alperche um apito para brincar.

* * *

Como todos lá em casa gostamos de fruta, o paizinho, se a não temos no quintal, compra-a na praça, quando já está mais barata.

Às vezes compra cerejas e ginjas muito encarnadinhas, mas a mãezinha diz que devemos ter muita cautela em não engolir os caroços, porque fazem mal. Também compra pêssegos muito rosadinhos e macios; eu gosto mais dos que não largam o caroço.

Às vezes traz-nos pêras. Todos nós gostamos muito, principalmente quando são pêras *pérolas*.



As pêras *marquesinhas*



são muito boas, mas as *carapinheiras* ainda são melhores.

A pêra *parda* é boa para cozer e comer com açúcar.

Quando o paizinho traz maçãs, a mãe manda-as assar no forno do padeiro. Eu gosto mais das maçãs *reinetas*.

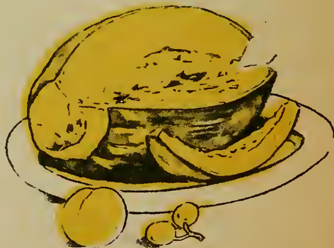
As uvas também são boas; a minha irmã gosta muito da uva *trincadeira*.

No nosso quintal temos uma videira que ainda não dá uvas, porque é muito novinha.

Uns dias por outros o meu pai também compra uma melancia muito encarnadinha por dentro ou um melão que quási sempre cheira muito bem.

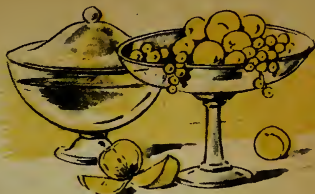
Às vezes traz-nos morangos, que gostamos de comer com açúcar.

A mãezinha nunca nos deixa comer os morangos sem os lavar muito bem, porque podemos adoecer.



O meu paizinho diz que a fruta madura faz muito bem à saúde.

A minha mãezinha também faz doce de pêra, de alperche, de pêssego, de maçã, de ginja; e compra mar-



melos para fazer a marmelada que trazemos para a escola.

Há pessoas que fazem geléia* de marmelo, que é boa para dar aos doentes.

A Fernandinha gosta muito de compota* de maçã, mas eu gosto muito mais de marmelada, principalmente quando ela é feita aos quartos.

Mas uma vez comi muita, enjoei-me e estive doente três dias. Desde então não tornei a comer demais.

¿De que côr são as cerejas?

E a laranja? *E o leite?*
E a melancia? *E as uvas?*
E a erva? *E os gatos?*

E o papel?



Diga o nome de outros frutos que conhece.
¿Quais são os que têm caroço?
¿Já viu a planta que dá estes frutos?

O Sapo Sapinho





O Armando e a Luïsinha foram ao jardim.

Andam à caça das borboletas e riem, riem, quando, pousada alguma, lhe vão deitar as mãos e ela foge. Atiram-lhe então o chapéu, às vezes caem e riem, riem, riem, porque é um grande prazer para êles rir tanto, tanto.

De repente, a Luísa pára, com a bôca muito aberta e os olhos espantados. É que acaba de ver, pata aqui, pata ali, o Sapo Sapinho, a olhar muito para ela. Grita então para o Armando:

—¡O Sapo Sapinho, o Sapo Sapinho!

O Armando apanha logo uma pedra e vai para lha atirar. Mas a mãe, que ouvira os gritos da Luïsinha, aparece nesse momento e diz-lhe:

—Que vais fazer, filho? ¿Que mal te fêz o bichinho?

—Nada, mãezinha; ¿mas não vê como êle é tão feio?...

—¿E é só por isso que o queres matar, tontinho? ¿E quem há-de depois catar as lesmas, os caracóis e as lagartas, que tanto mal fazem na horta, roendo as couves, os nabos, os frutos?

Pois tudo isso faz o Sapo Sapinho, apesar de ser tão feio, como tu dizes.

Deixa-o lá, coitadinho. Feio, feio é só o mal--fazer, e o Sapo Sapinho só nos faz bem.

Olha! Lá apanhou agora uma lagarta... lá a engole... Pronto, esta já não faz dano*. ¿E ainda queres mal ao Sapo Sapinho?

—Não, não, mãezinha, e também já lhe não tenho mêdo. ¿E tu também não, pois não, Luísinha?

—Não, não, não, responde a menina.

E lá continuaram ambos à caça das borboletas, gritando de vez em quando: —¡Sapo Sapinho, Sapo Sapinho!

¿Conhece algum animal útil à agricultura, sem ser o sapo?

¿Conhece algum animal parecido a êste?

¿Êsse animal vive sempre em terra?

Como acha esta mesa?



O CARACOL



DEVAGAR e mansamente
vai andando o caracol.
Casa às costas, vai contente
com os *pauzinhos* ao sol...

Pára aqui, pára acolá,
vêde os estragos que faz!
Tão mansinho, ¿ quem dirá
os males de que é capaz?

Ramo verde ou botãozinho
que nas hortas e pomares
encontre no seu caminho,
— pronto! — devora-os aos pares.

Olhai! Ali numa horta,
como era lindo o couval!
Sem uma folhinha morta,
nunca vi um outro igual.

Mas, passados dias, vêde,
tudo apareceu roído.
Cada fôlha era uma rêde,
e os grelos... tudo comido.

Mal vai, pois, ao hortelão
que não tem na horta um sapo,
porque o caracol, ai! não!
ao ver fôlha tenra... *papo!*

¡Meus meninos: quanta gente
mostra mansidão igual!...
parece à vista inocente
e é causa de tanto mal!

Devagar e mansamente,
vai andando o caracol.
Casa às costas, vai contente
com os *pauzinhos* ao sol...



Que vogais faltam aqui? c.r.c.l

OS SENTIDOS



Eu dormia ainda sossegadamente.

Um raio de sol entrou pela janela e acordou-me nesse momento.

Pouco depois, *oiço* abrir a porta do meu quarto e *vejo* entrar minha mãezinha pé ante pé. Dirige-se à minha cama e dá-me um beijo, com todo o amor e carinho *. Sai em seguida, para voltar logo com uma chávena de leite com um pouco de café, que *cheira* agradàvelmente. Tomo-lhe logo o *gôsto*, e sabe-me muito bem.



Fico tão consoladinho!

Puxo então a mãezinha para mim, faço-lhe muitas festas. E às vezes lembro-me do Joãozinho, que é cego. Coitadinho! Quando sente a mãe aproximar-se, começa a *apalpar* ou *tatear* as coisas para a encontrar. Faz tanta pena!

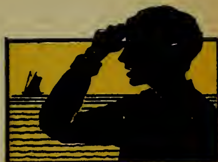


Depois, dá-lhe muitos beijos.

E então penso como é bom ter estes sentidos: — a *vista,* que nos é dada por meio dos olhos; o *ouvido,* por meio dos ouvi-

dos: o *cheiro* ou *olfacto,* por meio do nariz; o *gôsto,* por meio da língua; e a *apalpação* ou *tato,* por meio da pele e, principalmente, das cabeças dos dedos.





A mãezinha diz que devemos conservá-los sempre bem, que bastante precisos são, sobretudo a *vista* e o *ouvido.*

Ver, ouvir, cheirar, gostar
são sentidos. Mas há mais:
Se juntarmos apalpar,
teremos os principais.

¿Quais são as consoantes da palavra olfacto?
¿Quais são as vogais da palavra cheiro?

Um melão *mais um e um,*
já se vê, são três melões.
¿Como havemos de chamar
a um só de três botões?



ninho de andorinhas

No teto do corredor
da casa do Avôzinho,
um bom casal de andorinhas
anda a fazer o seu ninho.

Entra e sai alegremente
sem dar mostras de canseira;
traz pedacinhos de lama
que foi buscar à ribeira.

Com o bico ajusta o lôdo;
vai a parede subindo;
e o casal sempre a chilrar,
quer entrando quer saindo.

Já três dias de trabalho...
Ei-lo, emfim, pronto por fora;
falta acabá-lo por dentro,
torná-lo fofinho, agora.

E o bom casal não descansa
em busca de material,
ora entrando ora saindo
pela porta do quintal.

Recomeça a sua faina,
assim que aclara a manhã,
a procurar musgos, penas,
ou fiozinhos de lã.

Agora a fêmea lá fica
muito tempo na postura;
e o bom do macho lá vai
de alimentos à procura.



Depois de a fêmea pôr ovos
e depois de os ter chocado,
hão-de nascer os filhinhos
nesse lar tão delicado.

E êsse ninho que por fora
é tôsco, cheio de aspereza,
será dentro um lar de amor,
cheio de encanto e beleza.

Como o ninho de andorinha
são também certas pessoas:
feias de corpo por fora,
por dentro nobres e boas.

UM CHEFE

O homem tem natural tendência para viver em sociedade: — é, portanto, um ser *sociável.*

A sociedade mais simples é a família.

Muitas famílias reünidas em território comum, com os mesmos usos e costumes, sujeitas às mesmas leis e falando a mesma língua formam, geralmente, uma nação.

Todos sabem que na família há um chefe que a dirige, orienta e protege.

Do mesmo modo, a nação organizada, que se chama Estado e que é, afinal, uma grande família, constituída por numerosas famílias pequenas, não pode deixar de ter um chefe que a dirija superiormente e que vele constantemente por ela.

A felicidade ou infelicidade da família depende,

em grande parte, da orientação que recebe do seu chefe e da maneira como êste administra o património comum.

Sucede precisamente o mesmo com as nações civilizadas. O seu bem-estar e a sua prosperidade muito dependem da orientação de quem exerce a grave função de dirigente.

O govêrno português tem a felicidade invejável de possuir actualmente um Chefe eminente, cujo nome é conhecido e festejado até nas mais remotas aldeias do país, como salvador desta Pátria arruïnada, e cujo prestígio é incontestável, mesmo no estrangeiro. Êsse chefe é, todos o sabem, o Sr. Dr. *Oliveira Salazar*.

Pela inteligência, capacidade administrativa, espírito de previdência e honestidade absoluta, o notável estadista grangeou todo o direito ao reconhecimento dos portugueses que amam a sua Pátria, e que desejam e apreciam o seu engrandecimento moral e material.

Êste nome—*Salazar*—há-de ficar em letras de ouro nas páginas da nossa história, e não poderá apagá-lo a acção do tempo nem a injustiça dos homens.





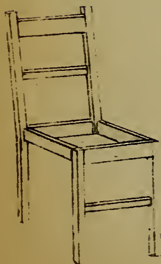
Lindo pintassilgozinho
sôbre uns ramos
o seu ninho
construíu.
Depois pôs-se a assobiar
animado,
e a cantar:
ri, piu, piu,
piu, piu, piu.

Mas algum tempo depois
já havia,
entre dois,
desafio.
Não tardou que se casassem,
e seu canto
redobrassem:
ri, piu, piu,
piu, piu, piu.

Passa ainda mais um mês,
passam dois,
passam três,
logo a fio.
E outros pintassilgozinhos,
cantam, cantam
nos raminhos:
ri, piu, piu,
piu, piu, piu.



Escreveram-me um bilhete
que não trazia vogais;
uma linha era assim:
T. .s b.m r.p.z
—Quantas letras faltam?
Quais?



Que tal acha esta cadeira?

O PAPAGAIO

Tenho um lindo papagaio
feito de papel de côr.
Dá gôsto vê-lo voar
à tarde pelo calor.

E o rapazio,
grita-que-grita,
vendo-o a voar:
—*Dá-lhe mais guita!*

E o papagaio de papel
vai voando, vai voando.
Mas, se o vento sopra mal,
mergulha de vez quando.

E o rapazio,
grita-que-grita,
vendo-o no ar:
—*Dá-lhe mais guita!*



Parece que vai p'ra o céu
o papagaio a voar.
Mas às vezes, parte a guita,
e ei-lo a fugir lá no ar.

E o rapazio,
grita-que-grita,
vendo-o abalar:
—*Enrola a guita!*

Conte esta história






Diga o nome de uma árvore que tenha sempre fôlhas.

A GALINHA E OS PINTOS



UM dia, minha mãe deitou palha num cêsto e pôs-lhe em cima uma dúzia e meia de ovos grandes. Depois levantou a galinha e *foi-a pôr* em cima dêles.

Eu preguntei-lhe para que era aquilo, e ela disse-me:

—É para nascerem pintainhos. Espera alguns dias e verás.

Eu fiquei muito admirado. Parecia-me que não podia ser. Mas a mãezinha dizia, é porque era verdade.

Passaram-se muitos dias. Minha mãe disse-me que ao fim de três semanas é que deviam aparecer os pintainhos. Contei os dias das três semanas. Eram $7+7+7$ ou 3 vezes sete.

21 dias! Pareceram-me tantos!... Mas como já tinham passado 16, só faltavam $21-16$. Fiz a conta e achei 5.

Ao fim dêsses cinco dias, que alegria! Quando



a mãe tirou a galinha do ninho, estavam já dois pintainhos à vista, muito pequeninos, a piar. Havia algumas cascas. Eram de ovos de onde tinham saído os dois pintainhos. Alguns ovos estavam inteiros, mas outros estavam furados de um lado. A mãezinha explicou-me que os pintainhos lá dentro faziam isso com o bico, para poderem sair. Quis ver bem, mas a galinha não me deu tempo. Saltou logo para cima do ninho. Pareceu-me que ela esmagava os pintainhos tão pequeninos. A mãe disse que não, e fomo-nos embora.

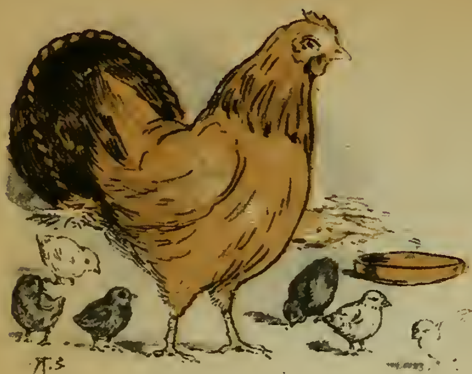
À tarde, quando voltámos a tratar da galinha, havia já seis pintainhos.

Que espertos! ¡ E que bonitos, assim tão amarelinhos! Apanhei um para o ver bem: mas êle começou a piar muito, e a galinha veio logo para mim com as asas abertas e o bico também.



Tive mêdo e pus logo o pinto no chão.

Dias depois, a minha mãe deu licença à galinha de ir com os filhos



para o quintal. Ela foi logo.

Gostei muito de ver.

Ela ia adiante, sempre chamando os filhos: se algum se demorava atrás, parava a chamá-lo. Só estava bem, quando todos iam com ela.

Uma coisa me fêz muita admiração: quando a galinha cantava de certa maneira, os pintainhos, todos ao mesmo tempo, corriam para junto da mãe. Depois é que eu vi: em achando algum bichinho ou lá o que era, em vez de comer, chamava os filhos e ela ficava sem nada.

Minha mãe também assim faz às vezes.

O que admiro é que os pintainhos, ainda tão pequeninos, entendam tão bem o que a galinha diz. ¡A nossa Mariazinha tem já três meses e não entende nada!

* * *

¡Que engraçados os pintainhos, quando estão a beber! Molham só a ponta do biquinho, depois levantam muito a cabecita, talvez para escorregar melhor a água. Mas aquilo parece que nem há-de chegar a molhar as goelas!

Há bocadinho não sei se os pintainhos estavam



enfadados; a mãe acocorou-se no chão, abriu um pouco as asas, e os pintainhos, a pouco e pouco, foram-se metendo debaixo dela. Couberam lá todos! Às vezes um deitava a cabecita de fora e punha-se a olhar. Parecia que estava à janela! ¡E a galinha muito contente por ter ali os filhinhos todos ao pé!

A mãezinha também está contente, quando eu estou ao pé dela mais a Mariazinha e a Alda.

Faz de conta que nós somos os pintainhos da mãezinha.

¿As patas das galinhas são iguais às dos patos? Porquê?

Que horas são?





Os pintaínhos

Os pintainhos
que lindos são!
atrás da mãe
lá vão, lá vão.

Penugem * fina,
amarelinhos;
que lindos são
os pintainhos!

Vivos e espertos,
sempre piando,
a mãe à frente
vai-os chamando.

E quando encontra
alguns bichinhos,
não come e chama
os seus filhinhos.

E êles entendem
já muito bem
o que lhes quere
a boa mãe.

E largam tudo
os pintainhos
e vão correndo
aos tais bichinhos.

E andam, andam
atrás da mãe,
que *dêles gosta,*
que lhes quer' bem.

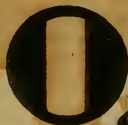
Se um cão ou gato
passa ali perto,
salta a galinha
de bico aberto.

E corre atrás
dos inimigos,
livra os filhinhos
dêstes perigos.

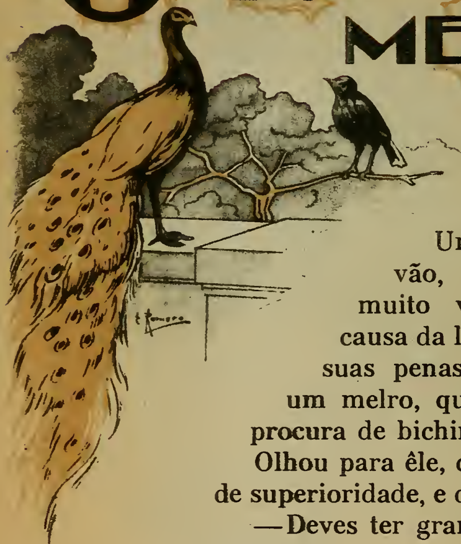
E bebem água
com os biquinhos,
coisinha pouca,
só aos golinhos.

Os pintainhos
que lindos são!
atrás da mãe
correndo vão.





O PAVÃO E O MELRO



Um dia, o pavão, que é ave muito vistosa, por causa da linda côr das suas penas, encontrou um melro, que andava à procura de bichinhos.

Olhou para êle, com certo ar de superioridade, e disse-lhe:

—Deves ter grande pena de ser assim.

—Assim, como?—preguntou o melro.

—Todo negro, como o corvo. Negro como as noites escuras. ¿Quanto darias tu por teres tão lindas penas como estas minhas?

—Não invejo as tuas penas, disse o melro.

—Pareces sempre de luto, sempre triste, pelo desgôsto, talvez, de não seres vistoso como eu sou.

—Triste, eu? Enganas-te: vivo feliz. Se fôsse triste, não cantaria tão alegremente e tantas vezes no dia.

—E és feliz, assim, tão feio?

—Não sei se sou feio; mas sei que sou feliz, porque passo a vida a fazer bem. Como insectos, que estragariam as sementeiras e as plantas.

—¿E os homens não te fazem mal?

—Não me perseguem e até me estimam, menos os ignorantes, porque desconhecem o bem que lhes faço.

—Nunca estás triste?

—Só uma vez, quando um menino maldoso me roubou o ninho. Então, sim: entristeci e sofri.

Fora disso ¿porque havia de eu estar triste, se tenho saúde e cumpro o meu dever?

¡Se tu soubesses como é bom cumprir os deveres que temos!

Adeus, que tenho muito que fazer. Fica-te com a tua vaidade, que eu cá vou com a minha alegria.

E desapareceu, voando.

Veja bem se não se esquece
do que agora leu em cima.
¿Qual das aves lhe parece
mais digna da nossa estima?

As mães gostam muito dos filhos.

Na casinha da formiga



INHA uma formiga a sua casita muito cheia de grãos de trigo e cevada que juntara durante o verão, quando um dia entrou pela porta dentro um grilo, e, vendo a casa tão farta, pôs-se a dançar e a cantar:

¡ Como é bonzinho
o jantarinho
que eu agora
aqui vou ter!

O' formiguinha,
minha amiguinha,
sai cá p'ra fora,
quero comer.



A formiga ficou como louca, porque não contava com uma visita assim, sem respeito pela casa alheia. Ralhou, bateu o pé, chorou, mas o grilo fingia não a ouvir e já ia para se atirar a ela quando ouviu fazer bulha à porta. Voltou-se e viu uma lagartixa de bôca aberta e também a cantar:



¡ Como é bonzinho
o jantarinho
que eu agora
aqui vou ter !

O' grilozinho,
meu amiguinho,
sai cá p'ra fora,
vou-te comer !

O grilo parou com o seu *gri-gri*, fugiu mais para o fundo da casa e de lá pediu à lagartixa que o não comesse, pois estava muito magrinho. Mas a lagartixa não queria saber do que êle dizia e já ia para o engolir, quando sentiu que lhe mordiam na cauda. Olhou para trás e viu luzir, já dentro do buraco, os olhos muto vivos de uma cobra que se pôs a cantar:



¡ Como é bonzinho
o jantarinho
que eu agora
aqui vou ter !

Lagartixinha,
minha amiguinha,
sai cá p'ra fora,
vou-te comer !

E assim estavam, cheios de mêdo, a formiga, o grilo e a lagartixa, quando um milhafre *, vendo a cobra, que não coubera tôda lá dentro da casita, desceu dos ares e, em poucos minutos, comeu a cobra, a lagartixa e o grilo.

Mas não há mal que não tenha o seu castigo, e, muitas vezes, até entre os próprios animais isto se observa *.

Em breve, meus meninos, sabereis qual êle foi.

O milhafre ficou com o papo tão cheio que nem deu pela chegada de um caçador.

Então ouviu-se um tiro, e o milhafre caiu morto.

Só a formiga, por ser muito pequenina, escapou lá num cantinho da sua casa, onde continuou a viver feliz, comendo os grãozitos que juntara no verão, com tanto trabalho.

Como se vê, não basta ser mais forte que outro para vencer, pois é preciso contar com outros mais fortes ainda.



Às vezes são até os mais pequeninos e fracos que estão mais livres de perigo.

Conte esta história










Um campónio * tem um burro
e mais um cão,
que muito e muito o ajudam
no ganha-pão.

Manhã cedo, muito cedo,
lá segue o atalho *;
vai montado no burrinho
para o trabalho.

E enquanto no céu as aves
voam cantando,
lá no campo o lavrador
vai-o cavando.

É meio-dia. Já cansado,
senta-se o homem.
Ao pé dêle o cão e o burro...
e todos comem...

E depois de algum descanso,
volta à labuta,
a revolver com a enxada
a terra bruta.

Findo o dia, volta a casa
com o pão ganho...
Dormem todos... só o cão
guarda o rebanho.

O homem gosta, pois, do burro
e mais do cão,
seus humildes* companheiros
no ganha-pão.

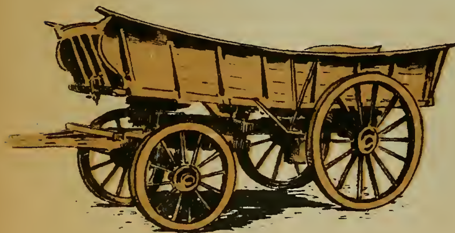


Diga o nome de algum outro animal que preste serviço ao homem.

Alguns carros antigos e o automóvel

Certo dia, um automóvel entrou numa oficina afim de ser reparado. Novo e bonito, entrou por ali como se fôsse o dono de tudo aquilo.

Depois que correu a oficina tôda, viu lá a um canto, envergonhadinho, um velho carro de bois que, em tempos idos, servira para transportar homens e coisas por essas terras fora.



O automóvel dirigiu-lhe então a palavra e perguntou-lhe:

—Tão sòzinho, tão esquecido,
que fazes aqui escondido?

O velho carro contou-lhe então a sua história, história de trabalhos, passada quási sempre em terras, onde as estradas eram más. Depois acrescentou:

—Devagarinho
e de mansinho,
eu percorria
o meu caminho
com alegria
de noite e dia.
Zin... in...
in... in...
era a cantiga
terna e amiga

que as mal untadas
rodas, rodando,
iam cantando
pelas estradas.

Mal acabara de ouvir isto, quando o automóvel percebeu lá noutro canto, no escuro, um carro que ainda por aí se encontra às vezes. Era a *mala-posta* ou *diligência*, que estava para ali, para ser reparada de umas avarias. E preguntou-lhe:

—Tão sòzinho, tão esquecido,
que fazes aqui escondido?

A *diligência*, com uns ares de quem ainda se não vê desprezada de todo, contou que estava ali, mas que ainda esperava prestar muitos serviços.



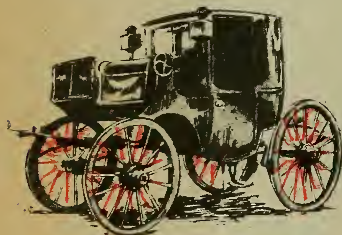
Depois, lembrando-se mais dos seus bons tempos, contou:

Qual passarinho,
vivo e espertinho,
eu percorria
o meu caminho
com alegria,
de noite e dia.
Talin, talin,
talin, talin,
era a cantiga
alegre e amiga
que as guizalhadas,
de quando em quando,
iam cantando
pelas estradas.

Ainda a diligência falava, quando o automóvel, acostumado já à luz da oficina, viu um trem que ainda não era muito velho. E preguntou-lhe:

—Tão sòzinho, tão esquecido,
que fazes aqui escondido?

—Não, não estou esquecido nem escondido. Estou aqui para uns consertos. Mas não é coisa de cuidado. Dentro em pouco, estarei pronto, para continuar lá fora a minha vida, pois espero ainda, por muito tempo, prestar serviços como dantes, em que



—Grave, novinho
e contentinho,
eu percorria
o meu caminho
com alegria
de noite e dia.
Tró-tró,
tró-tró,
era a cantiga
grave e amiga
das bem trotadas
marchas das éguas,
a galgar léguas
pelas estradas.

Mas, agora, por minha vez, pregunto eu também: Quem és tu?

—Tão bonito e tão polido,
como andas aqui escondido?

—Eu sou o automóvel, e venho aqui também arranjar uma pequena avaria. Sou teu amigo e dos outros carros e não lhes desejo mal. Mas, para andar com pressa por êsses caminhos, ainda não há como eu. Por isso, logo que esteja pronto, digo-lhes adeus e lá irei seguir o meu destino, pois a vida não é para se estar parado.

Eu sou hoje a alegria dos novos e dos velhos, das mulheres e das crianças.



E a mim, então,
tendo atenção,
com alegria,
bem fraca mão,
me leva e guia,
de noite e dia.
Pó, pó...
pó, pó...

é a cantiga
forte e amiga
das buzinadas
que, velozmente,
deixo, contente,
pelas estradas.

E assim tomaram todos conhecimento: os carros antigos e o automóvel moderno.

Trata o fato com asseio
põe nisso todo o cuidado,
todos sabemos que é feio
ter o fato enodoado.



As formigas

Olhem as formigas.
Em longos carreiros
vão levando
e arrastando
p'ra os celeiros
os grãos das espigas.

Sempre a trabalhar
em longos carreiros,
a correr,
para encher
os celeiros,
seguem sem parar.

Já passou o estio.
E agora em carreiros,
o cantinho
bem quentinho
dos celeiros
buscam contra o frio.

Grão a grão, devagarinho,
enche a formiga o celeiro.
Não é sempre a correr muito
que se chega ao fim primeiro.



Cortiça e Ferro



Maria e Beatriz são duas criaditas de servir, muito amigas. Há dias encontraram-se na rua: tinham ido a compras.

Cada uma delas levava um embrulho; mas o de Maria era muito maior que o outro.

A Beatriz preguntou:

—Que levas aí, Maria?

—Rôlhas de cortiça para garrafas.

—Isso é pesado?

—Não; é contado às dúzias.

—Não pregunto isso: pregunto se o teu embrulho tem muito pêso.

—O homem da loja não o pesou: mas disse que não devia pesar menos de meio quilo. E tu que levas aí, Beatriz?

—Meio quilo de pregos. Vou mais carregada que tu.

—Não me parece, disse Maria. ¿ Então um em-

brulho tão pequeno havia de pesar mais do que o meu, que é tão grande?

—Decerto, ¿ pois não sabes que o ferro é muito mais pesado que a cortiça?

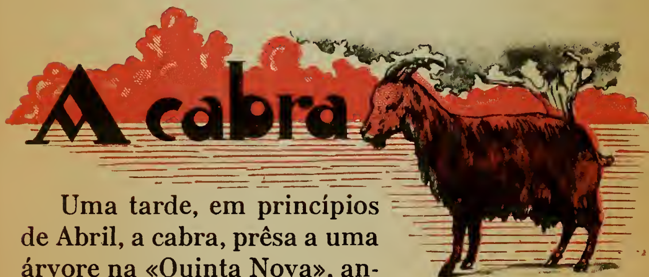
—Mas o meu é maior, dizia Maria.

—Mas o meu pesa mais, teimava Beatriz.

Depois de teimarem por algum tempo, separàram-se, cada uma delas convencida de que a outra estava enganada.

* * *

Mas, afinal ¿ quem seria
que tinha razão? Quem diz?
A Beatriz ou Maria?
A Maria ou Beatriz?



Uma tarde, em princípios de Abril, a cabra, prêsa a uma árvore na «Quinta Nova», andava a pastar erva muito tenra e muito verde que a cercava.

A Fernanda, que é ainda pequena, teve dó de a ver assim prêsa e preguntou porque a não soltavam.

O caseiro disse-lhe que não podia ser, porque a

cabra roeria e estragaria algumas plantas, como as oliveirinhas, de cuja rama gostava muito.

—E que mal faz isso?

—Faz muito. As oliveiras são árvores de grande valor. Os seus frutos, que são as azeitonas, é que dão o azeite que tão preciso é para a nossa alimentação, e para dar luz na candeia.

Nisto, a Fernanda viu o cabrito aproximar-se da cabra e começar a mamar. Nunca tinha visto. Riu-se muito, quando o cabrito se ajoelhou e começou a mamar a tôda a pressa, enquanto a mãe, pachorrenta, voltava a cabeça a olhar para o filho.

Também gostou muito de ver o cabrito, depois de mamar, ir brincar com outro do mesmo tamanho, ora correndo ora dando marradinhas em movimentos muito certos que pareciam combinados.

* * *

As uvas dão-nos o vinho,
as azeitonas azeite,
as galinhas põem ovos,
as cabras dão-nos o leite.

Com um têrço de dezóito,
e de vinte-e-quatro um meio.
—¿sabes com quantas amêndoas
o cartucho ficou cheio?
Dize-me então
quantas serão.



Uma papoila
dizia ao trigo:
—¡ Como sou linda,
ó meu amigo!

Encarnadinha,
bela e viçosa,
sou mais bonita
do que uma rosa.

¿Tu não tens pena,
ao ver-me assim,
de ter nascido
ao pé de mim?—

Mas, nisto, passa
o lavrador,
vai-se à papoila,
e corta a flor.

E ao trigo, pão
de seus filhinhos,
enche-o de afagos
e de carinhos.

—Filhas, é bom
ter formosura;
mas ser vaidosa
não traz ventura.

OS FRUTOS

Gosto muito de fruta. Em Portugal dão-se muito bem a laranja, a pêra, a maçã, o pêssego, o melão, a melancia, as uvas e outros frutos, que sabem muito bem.





A caminho da ribeira
vai com o burro o tio Roque;
leva o trigo p'ra moer:
—Arre burro!
Tic... Toc...

E na azenha, a mó moendo,
vai moendo sem cessar.
Breve o grão será farinha,
e depois o pão do lar! *

Lá em baixo está a azenha,
sob o monte quási a pique;
o tio Roque apressa a marcha:
—Arre burro!
Toc... Tic...

E na azenha, a mó moendo,
vai moendo sem cessar.
Breve o grão será farinha,
e depois o pão do lar!

Por fim chega ao pé da azenha,
não há ninguém que lhe toque,
vê o burro do moleiro
e faz an... an...
Tic... Toc...

E na azenha, a mó moendo,
vai moendo sem cessar.
Breve o grão será farinha,
e depois o pão do lar!

Grão moído, volta a casa,
pelo monte quási a pique;
mas já leva o pão dos filhos...
—Arre burro!
Toc... Tic...

E na azenha, a mó moendo,
vài moendo sem cessar.
Breve o grão será farinha,
e depois o pão do lar!



Eu tinha quinze bonecos,
mas dei cinco à Ermelinda:
se der quatro a meu irmão,
quantos me ficam ainda?

O TIO CALCETEIRO



Era já muito velhinho quando eu o conheci.

Chavama-se Manuel: mas como, em novo, tinha tido por ofício fazer calçadas, no que era mestre, todos o tratavam por *Tio Calceteiro*.

Êle não estranhava nem se ofendia. Talvez até gostasse, porque êsse tratamento lhe lembraria o tempo em que fôra novo e saüdável.

Vivia com sua mulher, também muito velhinha como êle, e ajudavam-se um ao outro, como podiam, vivendo em doce paz, apesar da sua velhice e pobreza.

Eu gostava muito de ouvir o *Tio Calceteiro* a contar histórias passadas na sua mocidade.

Tratava-o com muito respeito, como os meus pais me ensinaram e o coração me pedia: e êle também gostava de mim, segundo dizia e mostrava.

Um dia, quando eu voltava da horta, avistei o *Tio Calceteiro,* um pouco adiante da Ribeira do Pontão, que passa junto da minha terra e onde há heras e madre-silva e onde, na primavera, cantam pintassilgos e rouxinóis.

Apressei o passo e alcancei-o com facilidade.

O pobre velhinho ia muito fatigado: levava às costas um pequeno molho de lenha que uma criança, como eu, transportaria sem custo, mas que para êle era decerto um fardo pesadíssimo.

Pela maneira como respirava e pelo modo com que, a custo, correspondeu à minha saüdação, percebi claramente que vinha muito cansado, ainda mais curvado para a frente do que era costume. ¿ Como poderia o pobre homem subir a rua, assim tão carregado ?



Tive muita pena dêle e pedi-lhe o molho para lho levar. Êle não queria: só depois de eu insistir é que cedeu ao meu pedido.

Tomei o pequeno molho de lenha e senti-me logo feliz por ter aliviado o *Tio Calceteiro* daquele pêso que, para os seus oitenta anos, era muito e para os meus nove quási nada.

Cheguei primeiro que êle à entrada da povoação e esperei. Ao fim de algum tempo, arrastando-se com dificuldade e amparando-se ao seu pequeno cajado, o bom velhinho, quási trôpego, cansado, inclinado para a frente, e embrulhado no seu velho capote de burel desbotado, chegou enfim onde eu o esperava.

Nesse momento, o *Tio Calceteiro,* com os olhos rasos de lágrimas, disse-me tais palavras de agradecimento e de ternura que eu só então compreendi a importância que êle deu à minha acção, a qual eu achara, até aí, muito simples, muito natural.

E o bem-estar que senti pela certeza de que pratiquei uma boa acção, suavizando a fadiga do pobre velhinho, nunca mais me esqueceu pela vida fora. Por isso, ainda hoje, passados tantos anos, eu sinto, como então senti, — que



VALE A PENA PRATICAR O BEM.

Devemos sempre respeitar e ajudar os velhinhos.

O coelhinho e a raposa



A saltar, contente,
vai pelo caminho,
a fugir à mãe,
lindo coelhinho.

Escondida o espera,
a raposa má...
Pobre coelhinho,
dêle o que será!?

E a saltar, contente,
nem vê o perigo,
e tão perto está
já do inimigo.

—Olá, coelhinho!
por aqui tão cedo?
disse-lhe a raposa:
vem, não tenhas mêdo.

E êle, coitadinho,
a saltar, contente,
vai-se meter mesmo
na bôca! Inocente!...

E a mãe, infeliz,
chora a triste sorte,
chora sem remédio,
do filhinho a morte.

Mau destino espera,
mau destino tem,
todo o que despreza
conselhos de mãe.

O CORDEIRO



ENA ouviu dizer um dia à sua avó que um dos netos dela era *manso como um cordeiro.*

A Lena nunca tinha ouvido dizer isto a ninguém, e como não sabia o que era *cordeiro,* preguntou à avó.

Ela disse-lhe assim:

—¿Lembras-te da ovelha que costuma andar no quintal da vizinha e que às vezes salta para o nosso?

—Sim, minha avó: ainda ontem lá andava mais o filho dela. É tão engraçadinho! Eu gostava de ter um *carneirinho* como aquêle...

—Não se chama assim, minha filha...

—Ah! já sei—disse a Lena, metendo-se adiante da avó.—É «ovelhinho», não é?

—Também não. Porque é que preguntas isso?

—Porque o filho da nossa gata é «gatinho». Então devia também o da ovelha ser «ovelhinho».

—Pois devia; mas é costume chamar-lhe *cordeiro.*

—Porquê, minha avô?

—Não sei, minha neta: digo como as outras pessoas dizem.

—A ovelha gosta muito do cordeiro dela, disse

a Lena. Quando êle fica para trás, começa logo a chamá-lo, e êle entende muito bem: até parece que responde, com uma voz tremida: *méééé...* Está talvez a dizer à mãe: *Lá vou já...*

—A ovelha é como tôdas as mães, Lena. Gosta muito do filho. ¿E já o tens visto comer?

—Parece-me que êle ainda não come: só o tenho visto mamar muitas vezes.

A ovelha é que anda quási sempre a comer. E come tão depressa!...

—¿E que alimentos é que ela come?

—Ervas. Outro dia eu dei-lhe a comer na mão algumas ervas que apanhei; e ela, muito mansinha, esteve ao pé de mim, até comer tudo.

—¿E o cordeirinho também é manso?

—É tão mansinho!... Já o tenho tido ao colo e êle não se zanga. Até parece que gosta.

—Pois aí tens porque é que eu digo que o teu pequeno primo é *manso como um cordeiro.*





AS
NDORINHAS

Andorinhas, andorinhas,
lá vêm elas a voar!
Trazem novas bem novinhas
das terras de além do mar!

—¿ Que vistes vós, andorinhas,
nessas terras tão quentinhas?—

Vimos gentes
diferentes
nos costumes e na côr;
e céus onde
nunca esconde
o bom Sol o seu calor.

—¿ E das terras de além-mar
porque vindes vós fugindo?—
—Porque o Sol de Portugal
tem mais brilho e é mais lindo.
—Mas agora, ó andorinhas,
que coisas trazeis novinhas?—

—Ah! meninas
pequeninas
trazemos nossa alegria.

Vossos ares,
de cantares
encheremos com folia.

—¿E que mais, ó andorinhas,
nos trazeis? Coisas novinhas?—

Muitas flores
de mil côres:
cravos, rosas, trevo e hera...
Vinde tôdas,
fażei rodas,
que é chegada a primavera!

—É chegada a primavera,
vamos folgar e dançar;
vinde também, andorinhas,
vinde connosco brincar!—



A VIRGEM E OS LAVRADORES

(LENDA)

QUANDO Nossa Senhora fugia para o Egito com o Menino-Jesus e S. José, passou por umas terras, onde um lavrador andava a semear.

Nossa Senhora preguntou: — Que semeias tu, bom lavrador?

Mas êste, a quem o trabalho aborrecia muito, respondeu sêcamente:

— Semeio pedras.

Ouvindo esta resposta tão desabrida, ficou Nossa Senhora muito triste e, continuando o seu caminho, disse-lhe:

— Pedras te nasçam e com abundância.

Mais adiante passou por outro lavrador que, afadigado, semeava também o seu campo.

— Que semeias, bom homem?

E sem deixar o trabalho, mas com muito bons modos, êle respondeu:

— Semeio trigo, boa mulher.

E Nossa Senhora se alegrou com a resposta e lhe volveu:

— Pois trigo te nasça e com abundância.

Imagine-se no dia seguinte o desespêro do primeiro, ao ver o seu campo todo coberto de pedras, e a alegria do segundo, quando viu o seu cheio de louro trigo e já recurvado ao pêso das gradas espigas.

Graças a Deus

Vai-se a noite. Rompe a aurora,
já começa novo dia.
Deus abençôe nossos passos.
Padre Nosso... Avè Maria...

Na Escola. Nossas lições
ouvimos com alegria.
Deus nos faça bons e sábios.
Padre-Nosso... Avè Maria...

Finda a escola, cada aluno
seus pais depois auxilia,
que é pão o tempo bem gasto.
Padre-Nosso... Avè Maria...

Hora da ceia; no céu
põe-se o sol, já finda o dia.
Santas noites... Deus louvado.
Padre-Nosso... Avè Maria...

A nossa bandeira

É dia de Festa Nacional.

Passa um regimento ou vemos alguns navios de guerra ancorados nos nossos portos. Nêles veremos sempre a *bandeira portuguesa,* que em tôda a parte representa Portugal.

Onde está a bandeira pode dizer-se que está a Pátria ; e o seu valor é tal que ela é o maior troféu de guerra que se pode tomar a um inimigo.

Por isso, quando os meninos estudarem história, hão-de aprender que a um grande guerreiro português, que era o porta-bandeira em certa batalha, tentaram os inimigos arrancar-lha da mão.

O cavaleiro resistiu valentemente, até que lhe cortaram a mão esquerda. Imediatamente agarrou a bandeira com a mão direita e continuou a defendê-la.

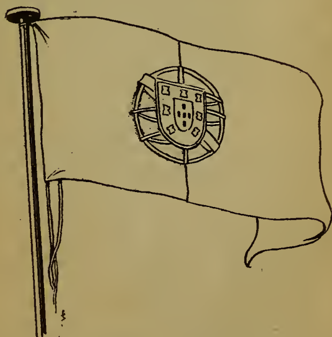
Cortam-lhe depois a outra mão ; e o porta-bandeira, na ânsia desesperada de quem não quere que lhe roubem o seu tesouro, agarra-a com os dentes, e só depois de esvaído em sangue e sem fôrças, larga a bandeira que nesse campo de batalha representava a sua Pátria e que a êle principalmente cumpria defender.

Êsse acto do valente português foi tão apreciado, pelo que revelava de coragem e amor da Pátria, que até os próprios inimigos, que o levaram

prisioneiro, lhe curaram-as feridas e o trataram depois com tôdas as honras.

Pensem bem nisto, meus meninos; e quando virem passar a bandeira de um regimento, descubram-se respeitosamente, porque ela é o símbolo vivo da nossa Pátria—símbolo que, por isso mesmo, todos devemos engrandecer e tornar respeitado.

As côres da nossa bandeira são o verde e o encarnado.



Para os meninos colorirem

DEUS

—Senhor prior, quem é Deus?
—Quem fêz a terra e os céus
e tudo quanto é visível,
bem como o que é invisível.

—¿Para que é que Deus nos fêz?
—Para nós por nossa vez
O adorarmos piamente,
dia e noite, eternamente.

—¿Mas onde é que—por favor
diga-me, senhor prior—
podemos Deus encontrar,
com o fim de O adorar?

—Filho, olha bem para mim.
¿Vês o Céu, o mar sem fim
e à noite, brilhantes, belas,
a cintilar as estrêlas?

¿Não vês no campo as ervinhas
e no ar às avezinhas?
¿No inverno não vês da neve
o manto branquinho e leve?

Pois olha, em qualquer lugar,
como na hóstia do altar,
sempre Deus está presente,
verdadeira e realmente.



JESUS E AS CRIANÇAS

UM dia chegou Jesus Cristo com os seus discípulos a uma terra na Judeia.

O povo daquela terra, que já tinha ouvido falar da sua grande bondade e dos milagres que havia feito, acorreu pressuroso para ver o Divino Mestre, ansioso por ouvi-lo falar.

Juntou-se grande multidão em volta de Jesus e todos pretendiam aproximar-se dêle o mais possível.

Nesse número contavam-se algumas crianças, desejosas de contemplar de perto Jesus.

Alguns adultos, e entre êles os próprios discípulos, quiseram afastar dali, como importunas, as referidas crianças. Vendo isto, o Divino Mestre não consentiu que tal se fizesse e disse:

Deixai vir a mim os pequeninos, porque dêles é o Reino dos Céus.»

Em seguida, chegou-as a Si e, fitando-as com um suavíssimo olhar de bondade, afagou-as com amor e abençoou-as.

E as crianças, assim acariciadas, escutaram as suas palavras com enlêvo, porque Êle lhes falava numa linguagem nova, que, apesar de estranha, elas compreendiam maravilhosamente.

Jesus é amigo das crianças: justo é que as crianças retribuam o amor de Jesus.

Amai, portanto, a Jesus.

O CAFÉ

A minha mãe acabava de entrar em casa e trazia um pacote de café que tinha um aroma muito agradável.

Como *eu gosto muito de café,* preguntei-lhe:

—Ó minha mãe, o café onde se fabrica?

—O café não se fabrica; é o fruto de uma planta chamada *cafèzeiro.*

—Mas eu ainda não vi essa planta, mãezinha.

—Não admira. O cafèzeiro só se dá bem nos países quentes.

Em África há muitas terras, pertencentes a Portugal, onde se cria o café. A sua cultura é uma grande riqueza de Portugal.

—¿E qualquer pessoa pode ir para lá?

—Pode, mas a viagem é muito longa e custa muito dinheiro.

—Oh! Se eu um dia pudesse!... Gostava tanto de trabalhar, para ajudar os meus paizinhos...

—Quando fores homem, podes ir. Creio que os Governos até ajudam quem lá quere trabalhar nos campos. E, a sair daqui, antes *a gente* vá para terras que são nossas e são a continuação de Portugal.

E lá todos devemos fazer por desenvolver as suas riquezas, que são muitas.

O café é uma delas e das melhores.

Só manduca quem trabuca*...



José da Cruz e o António Mendes eram dois bons rapazinhos, mas não lhes puxava a idéia para trabalharem.

Um dia, em vez de irem para a escola, puseram-se a caminho da ribeira, para irem armar aos passarinhos, lá para a Fonte-da-Cruz.

Já no campo, ouviram zumbir em redor dêles, e viram passar umas abelhas que pousavam nas flores silvestres, e lá lhes pareceu que andavam a brincar.

Preguntam-lhes então:

—¿Aonde ides ligeirinhas
de flor em flor, abelhinhas?
Vós andais sempre a brincar
e nós sempre a trabalhar...—

Ouviram-nos as abelhas e, zumbindo ainda mais, como que para os castigar da sua preguiça, responderam:

—Nosso encanto
são as flores;
p'ra nós elas
são amores.
Entretanto,
*se as sugamos**,*
mel e cêra
fabricamos:
mel tão doce
que é prazer,
que é regalo,
que é viver;
branca cêra
que produz
calor terno,
doce luz.

Meus meninos,
só manduca,
nesta vida,
quem trabuca!

Amuaram os rapazinhos com a resposta e, zombando das abelhas, continuaram o seu caminho.

Não tardou que vissem passar uma andorinhas, e logo lhes fizeram a mesma pregunta:

—¿Aonde ides ligeirinhas
pelos áres, andorinhas?
Vós andais sempre a brincar
e nós sempre a trabalhar...—

Como quem não quere nem pode perder o seu tempo, as andorinhas responderam imediatamente:

—¡Meus meninos,
ai! que enganos
há nos vossos
verdes anos!
¿Nossos filhos
quem sustenta,
quem ameiga,
quem aquenta?
¿Quem de voltas
dá centenas,
p'ra levar-lhes
musgo e penas,
p'ra bem fôfo
ser o ninho,
sem a sombra
de um espinho?



Meus meninos,
só manduca,
nesta vida,
quem trabuca!

O José da Cruz e o António Mendes olharam então um para o outro, já meio envergonhados, pois nunca lhes passara pela cabeça que até os passarinhos têm de fazer pela vida, para não morrerem à fome e para sustentarem os filhos.

Nisto, ora indo ora vindo, vêem a seus pés passar umas formigas.

—Estas é que levam uma vida regalada *—dizem. Preguntemos-lhes o que fazem:

—¿Aonde ides ligeirinhas
em carreiros, formiguinhas?
Vós andais sempre a brincar
e nós sempre a trabalhar...—

Responderam logo as formigas:

—Trabalhamos,
rapazinhos,
em procura
de grãozinhos.
Quando o tempo
frio vem,
logo a fome
vem também...
E nas noites
de dezembro,
quando gela
*cada membro **

produz boa
impressão
na casinha
ter bom pão.

Meus meninos,
só manduca,
nesta vida,
quem trabuca!

Desta vez o José da Cruz e o António Mendes não tiveram coragem de prosseguir* no seu mau caminho. Voltaram à escola, contaram tudo ao mestre, a quem pediram perdão da sua falta, e daí por diante foram uns estudantes exemplares*, conseguindo, no fim do ano, passar para a 3.ª classe, porque se convenceram enfim de que, nesta vida,



Só manduca
que a trabuca!

VOCABULÁRIO

NOTA — Este vocabulário refere-se apenas à acepção das palavras, no caso especial em que se encontram no texto, e foi organizado de modo que as crianças o possam compreender. Isto não impede que o professor o complete, quando lhe pareça deficiente.

Em todo o caso, incluímo-lo neste livrinho, por julgarmos da maior conveniência que as crianças se habituem, desde muito cedo, a manusear um dicionário.

A

ANSIOSO — Aflito.

APARADOR — Móvel em que se põe o que é preciso para o serviço da mesa da casa de jantar.

AQUÁRIO — Depósito onde se criam plantas e animais que vivem na água.

ARAGEM — Vento fraco.

ARRAIOLOS — Povoação alentejana.

ATALHO — Caminho escolhido.

B

BUZINADAS — Som produzido pelo toque das buzinas dos automóveis.

C

CAMPÓNIO — Homem do campo.

CANÇÃO — Versos para serem cantados.

CARINHO — Afago, meiguice.

CARITATIVO — Que tem dó, pena. Que gosta de fazer bem.

CARTOLINA — Papel grosso com lustro.

COMPOTA — Doce de fruta cozida em água com açúcar.

CORO — Canto de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo.

CUIDADO — Inquietação, aflição.

D

DANO — *(fazer dano)*, causar prejuízo, fazer mal.

E

EXEMPLARES — *(Estudantes exemplares)* Estudantes que cumprem os deveres escolares com todo o cuidado.

F

FAINA — Trabalho.

G

GELEA — Suco ou sumo que se tira da carne ou de certos frutos cozidos com açúcar.

H

HUMILDE — Simples.

I

INSECTOS — Pequenos animais, como a môsca, o mosquito, a formiga, a abelha e muitos outros.

L

LAR — *aqui significa:* família, casa.

LOUSA — Ardósia; pedra onde se escreve com lápis de pedra.

M

MANDUCA — Come.

MEMBROS—Os braços e as pernas.

MILHAFRE — Ave que se sustenta doutros animais, como galinhas, coelhos, cobras, etc.

MODESTA — Simples.

MONTRA — Lugar envidraçado, onde costumam expor-se objectos para venda, nos estabelecimentos.

O

OBSERVA — Vê, nota.

OFICINA—Casa onde trabalham marceneiros ou carpinteiros ou serralheiros, etc.

P

PAINÇO—Milho miúdo que serve para alimentar as aves. Quando crescido, serve para abrigar do vento as plantas que se põem nos canteiros das hortas.

PENUGEM—Primeiras penas que nascem nas aves.

PERSEGUIR — Seguir de perto.

PESAROSO — Triste.

PIQUE—*(a pique)* Quási a pino.

PLASTICINA—Espécie de barro mole que serve para modelar diferentes objectos.

PRIMOR — *(um primor)* Bonita. Muito bem feitinha.

PROCEDER — Fazer.

PROSSEGUIR — Continuar.

R

REGALADO — *(Vida regalada)* cheia de prazer e sem cuidados.

S

SALIVA — Cuspo.

SERRALHARIA—Oficina de serralheiro.

SÔBRO — Árvore também chamada sobreiro.

SUAVIZANDO — Aliviando.

SUGAMOS — Chupamos.

T

TALHER—O garfo, a colher e a faca.

TERNURA — Meiguice, carinho.

TORNO — *(em tôrno)* em volta.

TRABUCA — Trabalha.

V

VEREDA — Caminho estreito.

ÍNDICE

